

VISÃO DO CORREIO

Crise climática não chega às eleições

Temperaturas acima de 40°C devem ser registradas em oito unidades da Federação nestes dias que antecedem o primeiro turno das eleições gerais, estima o Inmet. São cerca de 102 milhões de pessoas, quase metade da população brasileira, vivendo em estados com situação de alerta devido ao calor intenso. Gente sentindo na pele e na rotina os efeitos do fenômeno climático que já deixou de ser atípico, mas que pouco sabe sobre como quem terá o nome exibido nas urnas eletrônicas pretende enfrentar esse problema. Levantamento divulgado, neste mês, pelo Observatório do Clima (OC) mostra que os planos de governo de quase todos os presidencialíveis não dão a importância devida à crise climática e ambiental. Entre os seis melhores posicionados nas pesquisas de intenção de voto, Luiz Inácio Lula da Silva, que busca a reeleição, tem a proposta considerada mais “verde” pelo OC, com metas climáticas definidas — como aumento das fontes renováveis e o plano de zerar o desmatamento —, mas uma gestão atual que incentiva a exploração de novas fronteiras petrolíferas — a exemplo da Margem Equatorial. Flávio Bolsonaro, por sua vez, traçou um projeto de governo que não reconhece a existência da crise climática e, na avaliação do OC, tem apenas uma proposta positiva em relação ao tema: a universalização do saneamento básico. Os outros candidatos avaliados — Augusto Cury, Renan Santos, Romeu Zema e Ronaldo Caiado — trazem propostas vagas para os oito grandes eixos estudados: mudanças climáticas; energia; desmatamento; proteção de povos e comunidades tradicionais; agronegócio sustentável; mineração e infraestrutura; governança ambiental e climática; e oceano e zona costeira. Seria cômico se não fosse trágico o fato

de nenhum dos presidencialíveis fazer referência a medidas de mitigação do El Niño, justamente o responsável pela onda de calor que assola no momento parte significativa do país e pelos temporais em municípios da Região Sul. É sempre bom reforçar que se trata de um fenômeno climático natural antigo, mas que tem sido anabolizado pelo aquecimento do planeta. Também não se pode perder de vista o fato de que o Brasil é o quinto maior emissor de gases de efeito estufa da Terra e, portanto, tem a obrigação civilizatória de enfrentar esse problema com seriedade. É evidente que o combate à crise climática e ambiental não se resume a decisões e intenções de quem chega ao Planalto. Espera-se uma resposta articulada, com comprometimento dos Três Poderes, nas esferas federal, estadual e municipal, de empresas e da sociedade civil. Governadores têm autonomia para conceder incentivos fiscais para empresas poluentes ou ambientalmente sustentáveis, para investir em infraestruturas verdes ou fazer vistas grossas à urbanização desordenada. Da mesma forma, a depender da toada, deputados e senadores podem criar leis para proteger biomas e destinar verbas públicas para prevenção de desastres ou flexibilizar financiamentos ambientais e enfraquecer estruturas de fiscalização. Parte importante dessa rede — ocupantes do Executivo e Legislativo federal e estadual — começa a ganhar nova forma a partir deste domingo. Ainda que a questão climática e ambiental não tenha tido o destaque merecido nas campanhas, ela é de interesse do povo. Outro estudo do OC divulgado também neste mês mostra que 91% dos brasileiros consideram importante que os candidatos apresentem propostas para enfrentar as mudanças climáticas. Se não tem seus anseios atendidos, os eleitores podem — e devem — dar a resposta nas urnas.



IRLAM ROCHA LIMA
irlam.rochabsb@gmail.com

Doces lembranças

Prazerosamente, assisti, na última sexta-feira, na Sala Martins Penna do Teatro Nacional Cláudio Santoro, ao Moraes Musical Moreira, que, depois de estrear no Teatro Castro Alves, em Salvador, cumpre turnê por algumas capitais brasileiras. Os demorados aplausos da plateia, que lotou aquele espaço, foram um demonstrativo da aprovação do espetáculo. Durante a encenação, por um grupo baiano, há o relato poético da trajetória do cantor, compositor e violonista nascido em Ituaçu, no interior da Bahia. Lá desenvolveu o gosto pela música ouvindo o serviço de alto-falante da pracinha. Mas foi em Salvador onde ele iniciou a trajetória artística. Ali, com Galvão (de quem viria se tornar parceiro em vários clássicos da MPB), Paulinho Boca de Cantor, Pepeu Gomes e Baby Consuelo criaram o grupo Novos Baianos. O nome, porém, lhes foi dado em São Paulo, ao participarem do Festival da Record. Depois, se transferiram para o Rio de Janeiro, onde se estabeleceram, em 1967. Ao chegarem, se apresentaram na sessão maldita, à meia-noite, um show intitulado O desembarque dos bichos depois do dilúvio universal. Logo depois, lançaram pela Som Livre o álbum *Acabou chorare*. O disco, aclamado pela crítica, trouxe composições como *Besta é tu*, *Brasil pandeiro*, *O samba da minha terra*, *Preta Pretinha*, *Swing do Campo Grande* e *Brasileirinho*, *chorinho clássico de Waldir Azevedo*. Além de companheiros na música, eram amigos e chegaram a viver juntos numa

espécie de comunidade hippie, na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, entre 1969 e 1979. Depois, cada um tomou o seu caminho, e Moraes foi quem obteve maior sucesso. Ele, inclusive, lançou *A história dos novos baianos e outros versos*, livro de cordel que focaliza a carreira da trupe. Um dos versos diz: “Foi deste contexto/ Que uma tribo paz e amor/ Tramou a sua viagem/ O sonho como pretexto/ E no lugar do temor/ Talento e muita coragem/ A luta não foi em vão/ Contrariando o regime/ Vingaram sim nossos planos/ Com cara de campeão/ Em campo entrou um bom time/ Chamado Novos Baianos”. À época o Brasil vivia tempos obscuros, sob o jugo da ditadura militar. Moraes, é bom que se diga, gostava muito de futebol e era torcedor do Flamengo, daqueles de ir ao Maracanã assistir a jogos do seu time do coração. Tive o privilégio de ser amigo dele, a quem conheci e entrevistei quando veio, pela primeira vez a Brasília, já em carreira solo, para show no Clube do Choro. Na oportunidade, ele me presenteou com o citado livro de cordel, que, depois de ler, guardei na pequena biblioteca que mantenho em um dos quartos do meu apartamento, na Asa Norte. Certa vez, numa das minhas idas ao Rio de Janeiro, a convite dele fui até o bairro da Gávea para uma visita ao ateliê que mantinha, onde continuava a desenvolver seu ofício. Lá, tomei conhecimento do que vinha produzindo. Como partiu para outra dimensão em 13 de abril de 2020, possivelmente não conseguiu fazer o lançamento.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. **E-mail: sredat.df@dabr.com.br**

Dois pesos, duas medidas

Há quem defenda a descriminalização das drogas em nome da liberdade, mas, ao mesmo tempo, aplauda a atual proibição das bets sob o argumento de que elas podem causar vício e destruir famílias. Defendo que tanto as drogas quanto as bets causam danos e devem ser tratadas com limites rigorosos. O que questiono é o critério adotado: por que a liberdade individual seria suficiente para justificar a descriminalização das drogas, enquanto os riscos da dependência seriam usados para defender a proibição das apostas? Se o objetivo é proteger as pessoas e as famílias dos efeitos do vício, por que esse princípio não seria aplicado da mesma forma nos dois casos? Alguém consegue explicar essa diferença de tratamento?

» **João Batista Rebés Trindade**
Águas Claras

Asa pra nambu

Dizia meu querido sogro: “Se der asa pra nambu, nambu voa!” Foi o que aconteceu com as bets. O governo editou uma medida provisória banindo as casas de apostas no Brasil. As casas de apostas se reuniram com os clubes de futebol e, não seria diferente, pintaram o caos no futebol brasileiro. Fiquei me perguntando: como é que o futebol brasileiro sobreviveu — ou melhor, viveu — todos esses anos sem o patrocínio das bets? Na minha opinião, na era pré-bets, o futebol era mais vistoso. A liga inglesa de futebol já determinou a proibição do uso das marcas das bets nas camisas dos clubes. Seja qual for a decisão do governo brasileiro, vejo como acertada a iniciativa de proibir as bets ou, pelo menos, de abrir uma discussão séria sobre o assunto.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos(SP)

Olhar para o conjunto

Estamos nos aproximando de uma data que definirá, em especial, quem serão nossos representantes no Poder Legislativo. E isso merece uma reflexão sobre a responsabilidade que acompanha essa escolha. Faço referência a Jean-Jacques Rousseau e à ideia do contrato social, porque ela ajuda a compreender a dimensão coletiva da representação política. Sem qualquer intenção de ser “sommelier de eleitor”, penso que, antes de definir o voto para um candidato ao Legislativo, ainda que motivado por uma pauta específica — corporativa, comunitária, religiosa, familiar, de amizade ou qualquer outra —, é preciso lembrar que o eleito não representará apenas aquela pauta ou grupo. Seu mandato lhe conferirá, entre outras atribuições constitucionais, a responsabilidade de legislar sobre uma enorme diversidade de matérias, muitas delas interligadas e com impactos sobre toda a sociedade. O parlamentar, portanto, precisa olhar para o conjunto. Assim como esperamos do Executivo uma visão ampla da administração pública, devemos esperar do Legislativo capacidade de compreender as

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

“Guerra santa” no Judiciário: o sonho de todo candidato é ter um presidente do TSE para chamar de seu.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Lula sanciona lei que prioriza o futebol feminino em políticas esportivas. Se Lula fosse metade do presidente que está sendo a menos de 10 dias das eleições, estaríamos muito bem!

Lucila Venancio — Brasília

Arremesso de ovo ou tentativa de homicídio? Tanto faz qual é a resposta. O que precisamos ouvir mesmo são propostas!

Paula Mendes — Asa Norte

O Consórcio Fla-Flu nega, mais uma vez, Maracanã para o Vasco. Nenhum dos dois tem estádio. Eles têm que aproveitar mesmo. Síndico não é dono!

Murilo Carvalho — Rio de Janeiro

diferentes dimensões e transversalidades dos problemas que chegam ao parlamento. Que bom seria termos mais candidatos ao Legislativo com experiência no Executivo, trajetória íntegra, reputação ilibada e, sobretudo, compreensão de que o mandato pertence à sociedade que o conferiu.

» **Daniel Cunha**
Águas Claras

Ler é um remédio

Pleno de deleite, li (e reli) a matéria “Quando ler é um remédio” (**Correio**, edição de 20/9), bem redigida e assinada por Paloma Oliveto. Sempre gostei de ler. Na infância, lia gibis da Turma da Mônica, do consagrado ilustrador Maurício de Sousa; na adolescência, lia revistinhas da Marvel, do brilhante Stan Lee (criador do Homem-Aranha e dos X-Men), das quais, inclusive, me tornei um assíduo colecionador de formatinhos; adulto, hoje leio contos, crônicas, narrativas e poemas. Também sou escritor, e escrevo artigos, coletâneas (musicais), ensaios e livros (técnicos). Me orgulho em dizer que já concorri a um Jabuti (2015) e sonho em receber um! Ah, antes que me esqueça, aceita uma boa sugestão de leitura?

» **Nelio S. Machado**
Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br